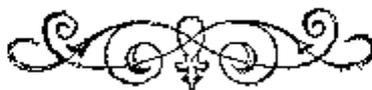


## A SEMANA – 101

John Gledson

Machado começa respondendo, em tom humorístico, aos “insultos” que recebera no domingo anterior, em que não pudera cumprir seu dever semanal. A referência lá feita ao Padre Kneipp, que pregava um processo de cura pela água, o conduz a um dos seus tópicos preferidos, a que algumas vezes recorre quando os assuntos rareiam: as curas e medicinas populares. Até confessa que o Xarope do Bosque já apareceu mais de uma vez em suas crônicas. Pouco a pouco, porém, por meio da conversa com José Rodrigues, desliza para outro assunto preferido (e muito atual, como se vê na nota 7), a Companhia Geral das Estradas de Ferro, o escândalo-mor do Encilhamento, que foi mencionado frequentemente nos primeiros dois anos de “A Semana” (ver, em particular, a crônica de 22 de maio de 1892, nota 4), e sua vítima, o criado José Rodrigues. Para evidenciar o “mau cheiro” do assunto, manda-o ao chafariz da Carioca, construção imponente, com 35 bicas, que tinha sido assunto de controvérsia em maio de 1892 (ver a crônica de 1º desse mês, quando Machado conta um episódio “que ao mesmo tempo não posso contar”). Trata-se, lá como aqui, de um sujeito (ou, no nosso caso, vários sujeitos) que urina(m) nas imediações do chafariz. Na crônica de 1892, Machado aludia à verdade através de um episódio das *Viagens de Gulliver*; aqui, através do cheiro, e da pergunta sobre os animais que podiam ser a origem do cheiro (mas não são).



## A SEMANA

6 de maio de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A pessoa que me substituiu na semana passada, em vez de me mandar os últimos sacramentos, veio mofar de mim *coram populo*.<sup>1</sup> Entretanto, é certo que estive à morte, e só por milagre ainda respiro. São assim os homens. O vil interesse os guia; almas baixas, duras e negras, não veem no mal de um amigo outra coisa mais que uma ocasião de brilhar. Não falemos nisto. Desde pequeno, ouço dizer que a má ação fica com quem a faz.

Estive doente, muito doente. Que é que me salvou? A falar verdade, não sei. A primeira coisa que me receitaram, foi a medicina do padre Kneipp.<sup>2</sup> Este padre, que, em vez de curar as almas, deu para tratar dos corpos, tem-me aborrecido grandemente. Não o li a princípio. Desde que percebi que se tratava de nova terapêutica, imaginei que era uma das muitas descobertas que vi nascer, crescer e morrer, como aquela de que já aqui falei, e falarei sempre que vier a propósito – o Xarope do Bosque, que Deus haja.<sup>3</sup> Assisti à carreira brilhante desse preparado único. Que outro houve, nem haverá jamais, que se lhe compare? Curava tudo e todos, integralmente. Pessoas circunspectas afirmavam tê-lo visto arrancar do leito mortuário cadáveres amortalhados, que descruzavam as mãos, pediam alguma coisa, mudavam de roupa, e no dia seguinte iam para os seus empregos. Alguns desses cadáveres, por serem mais nervosos, escapavam da moléstia, mas faleciam segunda vez do temor que lhes causava a própria mortalha. Esses não saravam mais, visto que o xarope não se obrigava a curar da segunda morte, mas só da primeira. Nem todos, porém, são nervosos, e salvou-se muita gente.

Se a água do padre Kneipp é isto, fará sua carreira; não é preciso quebrar-me os ouvidos com anúncios. Foi o que pensei; mas afinal li alguma coisa sobre o invento e achei interesse. Realmente, não só cura e ressuscita, como é a mais gratuita das

---

<sup>1</sup> Em público (latim).

<sup>2</sup> Ver a crônica (anônima) anterior, nota 5.

<sup>3</sup> Machado adota este tom (humoristicamente) agressivo porque este xarope, junto com o de Cambará, é quase marca registrada das suas crônicas: já apareceu nesta série, a 19 de novembro de 1893, em “Bons Dias!”, a 6 de fevereiro de 1889, e em “Balas de Estalo”, a 14 de março de 1885 – todos esses exemplos trazem detalhes interessantes.

farmácias deste mundo. Só o que parece custar algum dinheiro, é a roupa, que há já feita e apropriada;<sup>4</sup> o mais é a água, que Deus dá. Água e pouca. Venha de lá a invenção, disse eu, e, lembrando-me que era cisma dos nossos indígenas que a água da Carioca adoçava a voz da gente, imaginei mandar buscá-la ao grande chafariz histórico.<sup>5</sup> Era um modo de adquirir a saúde e o dó do peito. O meu fiel criado José Rodrigues fez-me então algumas ponderações, no sentido de dizer que água sem alma dificilmente pode dar vida a ninguém.

– Pois se ela não a tem em si, como há de dá-la a um homem?

– Mas que chamas tu água sem alma? perguntei-lhe.

– Senhor, a alma da água (perdoe-me vosmecê que lhe ensine isto) é a uva. Ponha-lhe dois ou três dedos do tinto, e beba-a, em vez de se meter nela; é o que lhe digo. O vendeiro da esquina podia muito bem, agora<sup>6</sup> anda aí esse doutor Naipe... Naipe de quê? Há de ser copas, decerto. Copas como elas se pintavam nas cartas antigas, que eram o que chamamos copos – copos de beber.

– Não é isso: é Kneipp.

– Ou o que quer que seja, que a mim nunca me importaram nomes, desde que não sejam cristãos. Pois o vendeiro da esquina, como ia dizendo, podia muito bem vendê-la pura, e ganhava dinheiro; mas é consciencioso, põe-lhe uns dois dedos de alma, e é o que eu bebo todos os dias. Vosmecê sabe que saúde é a deste seu criado. Água no corpo de um homem, pelo lado de fora, isso dá maleitas, senhor; eu tive umas sezões, há muitos anos, que com certeza foram obra de um banho frio que me deram pelo entrudo. O banho deve ser pouco e morno, para a limpeza que Deus ama, contanto que nos não leve a sustância, que é o principal...

– A sustância é a liquidação do acervo da Geral...<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Com efeito, vendiam-se as “roupas Kneipp” que os pacientes vestiam logo após o banho, “que permitem a sua adaptação ao corpo no mais curto espaço”.

<sup>5</sup> Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), em sua *História da América Portuguesa desde seu descobrimento até o ano de 1724*, diz que os tamoios atribuíam propriedades milagrosas à água do rio Carioca, e que “dava voz suave nos músicos e mimosos carões nas damas.”

<sup>6</sup> Assim está no jornal. Aurélio acrescenta um “que”. Gramaticalmente tem razão, claro. Pode também ser um caso de anacoluto, frequente na linguagem coloquial, e o fato de ser um período interrompido, fato que Aurélio nota, talvez aumente a possibilidade do “erro” popular.

<sup>7</sup> No jornal, está “geral”, com minúsculo, erro de revisão já presente na crônica de 7 de janeiro (ver nota 6). Aurélio também corrige. Com o fim da Revolta, começava-se a pensar no estado econômico do país, no seu futuro, e logo na herança desastrosa do Encilhamento, e do seu maior escândalo, o da Companhia Geral das Estradas de Ferro. Começava-se a leiloar o seu acervo, o que preocupava muita gente, que temia a perda total dos seus investimentos. Um artigo longo na primeira página de *O Paiz* de 3 de maio ilumina o caso. Preocupado com o restabelecimento econômico e financeiro do país, diz que “as classes trabalhadoras e a sociedade em geral” precisam voltar ao “conforto e [à] segurança econômica, que lhes tirou a vesânia milionária de alguns banqueiros sem escrúpulo”. Não se trata de uma liquidação comum, diz, pois o acervo monta “à fabulosa soma de cento e trinta mil contos de réis, que a importância de sua emissão ao portador ascende a mais de cem milhões de libras esterlinas, e as suas vítimas contam-se por milhares em todas as classes da sociedade brasileira”. Por isso, insinua, deve-se contornar a letra da lei, e achar uma outra solução (a “combinação” do texto da crônica). Continua: “os interessados trabalham ativamente para a obtenção de uma concordata amigável dependente, ao que nos informam, do Banco da República do Brasil, estabelecimento que, em virtude de sua íntima ligação com o governo, não pode ser indiferente às consequências causadas pela negativa no ânimo dos interessados”.

— Não me fale nisso, patrão! Eu já lhe pedi que me não falasse em semelhante bandalheira.

E, perguntando-lhe eu que lhe parecia do plano de vender em leilão o acervo da companhia, ou combinar em um negócio, para ver se vendia alguma coisa mais, vi-o meditar profundamente, e depois soltar um suspiro tão grande, que pareceu trazer-lhe as entranhas para fora. Hão de lembrar-se que este pobre-diabo é portador de *debêntures*.<sup>8</sup> Acabado o suspiro, disse-me que havia sido tão comido neste negócio, que não podia escolher, e que o melhor de tudo era passar-me os papeluchos por cem mil-réis; não queria saber mais nada. Ponderei-lhe que isto nem era imitar o vendeiro da esquina, pois esse deitava dois dedos de alma na água, e o que ele me queria vender, era água pura ou impura, água sem nada. Concordou que assim era, mas que, sendo eu mais atilado que ele, acharia maneira de descobrir alguma coisa, ainda que fosse um micróbio – porque os micróbios (ficasse eu certo disso), com os progressos da ciência em que vamos, ainda acabam alimentando a gente, em vez de nos pôr a espinhela abaixo.<sup>9</sup> De si não achava escolha; ante os dois caminhos que lhe mostravam, leilão ou combinação, não sabia em qual deles devia meter o pé, salvo se fosse pé de verso, porque as duas palavras rimavam; mas, não se tratando de poesia, e sim de dinheiro, que é a prosa do bom cristão, não acabava de saber se era melhor vender hoje por nada ou amanhã por menos. Concluiu...

Não concluiu; eu é que, para estancar-lhe o discurso, ordenei que fosse ao chafariz da Carioca buscar um barril d'água. Saiu e fiquei esperando. Não havia passado meia hora, voltou José Rodrigues a casa,<sup>10</sup> sem água, cheio de espanto. O chafariz não tinha água.<sup>11</sup> A água única que achou, escorria a um lado, no chão, em frente à rua de S. José; mas não era água comum, nem pela cor, nem pelo cheiro, e ainda assim ouviu que por causa da chuva é que o cheiro era pouco; em havendo sol, fortalece-se mais e parece botica. Perguntou a um morador do lugar se ali costumavam<sup>12</sup> pousar ou dormir os cavalos e burros dos bondes da Companhia Jardim Botânico; soube que não, que ali só iam homens, e de passagem, em quantidade grande, e a qualquer hora do dia ou da noite, e mais ainda de dia que de noite.

Eu, que conheço a minha gente, percebi que a lembrança da Geral o havia transtornado muito, tal era a confusão das palavras, a trapalhice das ideias. Ordenei-lhe

---

<sup>8</sup> Ver a parte final da crônica de 29 de janeiro de 1893.

<sup>9</sup> Os micróbios, microorganismos causadores de doenças, foram uma das grandes descobertas da segunda metade do séc. XIX, obra sobretudo de Louis Pasteur e Robert Koch. Espinhela caída, termo popular de que Machado sempre zomba, é nome dado, e explicação atribuída, a várias doenças de origem incerta.

<sup>10</sup> Na *Gazeta*, o “a” recebe acento indicativo de crase; Aurélio manteve o sinal de crase nesta ocorrência.

<sup>11</sup> O grande chafariz do largo da Carioca, de múltiplos bicos, tinha sido reformado, mas ainda não dava água.

<sup>12</sup> No jornal está “continuavam”. Aurélio sugere esta modificação. Como ele diz, com razão: “a ser ‘continuavam’, o que é menos aceitável, teria escapado ao revisor a preposição *a* entre este verbo e o seguinte.”

que se recolhesse e dormisse. Ficando só, levantei-me, vesti-me e saí; quando tornei a<sup>13</sup> casa, estava são e salvo. Qual foi o remédio que me curou, não sei; talvez a vista de algum mais doente que eu. Uma vez curado, quis mandar um cartel de desafio à pessoa que me substituiu na semana passada, exigindo satisfação das injúrias que me lançou nesta mesma coluna. Adverti que era tempo perdido. Homem que lê *Tu, só tu, puro amor*, não se bate, suspira.<sup>14</sup> *Ergo, bibamus*, como diz Goethe:

Ich hatte mein freundliches Liebchen geseh'n,  
Da dacht' ich mir: *Ergo bibamus!*<sup>15</sup>



---

<sup>13</sup> Com sinal de crase no jornal: Aurélio corrige para “a”.

<sup>14</sup> Machado se refere aqui à menção aos versos de Camões e à comédia dele mesmo, Machado, na crônica anterior (ver nota 7). Os suspiros ou vêm pela leitura dos versos, que tratam da morte de Inês de Castro, ou (mais provavelmente) por modéstia do autor da peça.

<sup>15</sup> Os dois primeiros versos da segunda estrofe de “Ergo bibamus!” (1810), de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). “Eu tinha visto minha gentil amada / E pensei comigo: *Logo bebamos!*”